

Governo já trabalha com deflação

Estudo confirma convergência de índices para uma inflação mensal em torno de zero por cento

A inflação mudou de patamar antes mesmo do que esperava o governo e economia já poderá conviver com a primeira deflação (inflação negativa) após os dois anos do Plano Real. A previsão foi feita ontem pelo secretário de Política Econômica (SPE) do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros, durante a divulgação do Boletim de Acompanhamento Macroeconômico, um informe sobre a conjuntura econômica elaborado pelos assessores da secretaria.

O estudo é criterioso e, a partir de uma análise das estimativas dos diversos indicadores de alta de preços, garante que está se acentuando uma convergência dos índices para uma inflação mensal em torno de zero por cento. As estimativas consideram, ainda, a possibilidade de oscilações de preços da ordem de 0,5%, o que indica uma inflação em 12 meses de um dígito entre 6% e 7%, nas projeções técnicas.

Mendonça de Barros admitiu que a deflação de setembro "não estava prevista por ninguém", mas manteve uma postura de cautela. Ele disse que esta mudança de patamar deve ser "olhada com mais calma", porque indica um processo de ajuste estrutural mais profundo da economia, com uma reacomodação dos chamados preços relativos da economia. Isso não significa, no entanto, que o governo vá assumir uma postura mais ofensiva na redução das taxas de juros para remuneração dos títulos públicos. "Os juros vão continuar o processo de queda gradual", disse, sem

detalhar os impactos da queda da inflação na administração da política monetária.

Ganhos - O secretário insistiu, no entanto, que o mais importante da mudança de patamar da inflação é o resultado imediato que tem sobre o ganho de salário real da população. Mas admitiu que, por outro lado, uma inflação menor provoca uma elevação das taxas de juros reais (descontada a inflação) e, consequentemente, aumenta o custo da dívida pública no mercado, hoje da ordem de R\$ 76 bilhões.

Os técnicos da SPE referendam as projeções do mercado, que apontam para um juro real de 1,9% este mês, com uma trajetória de queda para 1,7% até o final do ano. As taxas de juros nominais, segundo o Boletim, deverão recuar dos 53,1% do passado para 23% até dezembro.

Mendonça de Barros manteve o discurso do governo, de que não se deve olhar o comportamento das taxas de juros pelo resultado da inflação mensal. "Os juros estão desindexados da inflação", insistiu. Reconheceu, no entanto, que as demais taxas de juros da economia também continuam na trajetória de queda e lembrou que muitos bancos comerciais já operam com juros menores e prazos maiores de empréstimos, confiantes da queda da inadimplência entre pessoas físicas e jurídicas. "Haverá um aprofundamento da queda dos juros nos bancos comerciais", apostou.

Francisco Stuckert 25/7/96



Mendonça de Barros destacou que deflação não foi prevista por ninguém e afastou o risco de recessão